

Fora chollos: gênero, sexualidade, alteridade e diferenças na fronteira Brasil-Bolívia

Álvaro Banducci Júnior¹

Professor do PPGAS da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

banducci@uol.com.br

Guilherme R. Passamani²

Professor do PPGAS da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

grpasamani@gmail.com

Tiago Duque³

Professor do PPGAS da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

duque.hua@gmail.com

Resumo

O fluxo permanente de bens, pessoas e símbolos caracteriza o cotidiano das cidades fronteiriças de Mato Grosso do Sul. Na cidade de Corumbá-MS, divisa com a Bolívia, a presença de bolivianos é percebida com indissimulada reserva, tencionando o convívio e a interação com a alteridade étnica e nacional. Assim, este estudo, pautado em questões de gênero, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença, se volta para a discussão de relações entre jovens “efeminados” de Corumbá em interação com diferentes grupos sociais da cidade e com o país vizinho. Do mesmo modo, o trabalho problematiza o processo de construção da alteridade na fronteira Brasil-Bolívia a partir da investigação de um grupo de pessoas não-heterossexuais maiores de 50 anos residentes na região. A ênfase aqui será dada à constituição ou não de tramas afetivas, eróticas e sexuais destes sujeitos, tanto os mais jovens como os mais velhos, com potenciais parceiros bolivianos.

- 1 Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, professor do Curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFMS.
- 2 Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, professor do Curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMS.
- 3 Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, professor do Curso de Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Educação/CPAN e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFMS.

Palavras-chave: Alteridade; Diferenças; Fronteira; Corumbá; Bolívia.

Abstract

The permanent flow of goods, people and symbols characterize the daily life of border cities in Mato Grosso do Sul (MS). In the city of Corumbá (MS), in the frontier with Bolivia, the presence of Bolivians is perceived with undisclosed reservation, creating tension on the coexistence and the interaction with the national and ethnic alterity. Therefore, this research, grounded in questions regarding gender, sexuality and social markers of difference, is concerned with the relations between “effeminate” younglings from Corumbá, their interaction with other social groups in the city, and the neighboring country. In the same way, this research problematizes the construction process of alterity in Brazilian-Bolivian border through an investigation of a group of non-heterosexual people above 50 years of age living in that area. The emphasis will be on the constitution (or not) of the subjects’ affective, erotic and sexual networks, between young and older subjects, and also with potential Bolivian partners.

Key-words: Alterity; Differences; Border; Corumbá; Bolivia.

Introdução

A intensidade e a abrangência global dos fluxos humanos e de bens, que resulta em interações incessantes de pessoas, símbolos e valores através dos limites nacionais, têm desencadeado reflexões crescentes sobre a diversidade e complexidade das experiências de fronteira. Tomadas ora como espaços eminentemente demarcatórios e de preservação de soberanias nacionais, áreas de presença ostensiva do Estado e de militarização, as fronteiras também se configuram como zonas de circulação e trocas materiais, sendo percebidas por alguns estudiosos como espaços de interação e de hibridismos (Canclini, 1997). Menos que limites e barreiras, as fronteiras tendem a se constituir, no dizer de Hannerz (1997), em espaços atravessados.

A porosidade e ausência de controle legal em algumas zonas de divisa internacional têm levado teóricos a predizer a dissolução material das fronteiras, o que implica, em última instância, em uma redefinição da própria ideia de Nação. Há, no entanto, outras configurações fronteiriças, em que obstáculos alfandegários ou de migração se impõem ao livre trânsito entre países. De acordo com Foucher (2009), ainda nos dias de hoje, o acesso a territórios nacionais permanece em muitas áreas do mundo inviabilizado pela existência de muros e cercas de arame farpado, além da vigilância armada, que, se não imobilizam, controlam intensamente a passagem de pessoas e mercadorias em espaços

de divisa.

As fronteiras constituem assim fenômenos de configuração complexa que compreendem, na visão de Grimson (2001), tanto relações interestatais diversas quanto múltiplas experiências de interação e resistências entre povos fronteiriços. É nesse sentido que as ciências sociais têm acentuado a necessidade de se conhecer as vivências e as práticas de fronteira em suas manifestações concretas e multifacetadas. Como afirma Vila (2003: 322), “a tarefa dos estudos de teorias da fronteira é precisamente procurar a múltipla leitura das situações fronteiriças, onde diferentes narrativas coexistem no mesmo local”. Este é o caminho que se pretende percorrer neste artigo, analisando os espaços e situações de diálogo intercultural, de construção metacultural de identidades e de relações ambíguas e, não raro, desencantadas do cotidiano da divisa entre o Brasil e a Bolívia em território sul-mato-grossense.

As vivências fronteiriças na região de Corumbá, se dão em âmbitos diversos e de forma as mais distintas, implicando em momentos de aproximação e repulsa, de diálogos e de enfrentamentos. Se as fronteiras em geral são movidas por dinâmicas próprias (Albuquerque, 2010), que as diferencia em relação a outras regiões de um país; se cada fronteira é particular na multiplicidade de suas manifestações políticas e sociais (Vila, 2003), reclamando atenção detida acerca das experiências concretas e cotidianas; o que particulariza a área de divisa aqui abordada são as inúmeras manifestações de fronteiras que ocorrem dentro da fronteira. Trata-se de muros simbólicos, visíveis e invisíveis, no dizer de Costa (2013), que se interpõem em meio às relações nacionais, de caráter político e econômico, e no âmbito dos contatos étnicos, dos afetos, das trocas comerciais, das práticas religiosas, entre outros.

Este artigo, que resulta de pesquisas mais amplas realizadas nessa área de divisa, aborda a complexidade das relações transfronteiriças, no que têm de ambíguas e conflituosas, a partir da análise das interações, das evitações e da produção de diferenças entre homens jovens “efeminados” de/em Corumbá com os bolivianos, bem como das expressões dos afetos e desejos de sujeitos não heterossexuais em relação aos potenciais parceiros do país vizinho.

A fronteira em/de Corumbá

O estado de Mato Grosso do Sul possui ampla faixa de divisa, numa extensão de aproximadamente 1.500 km, compreendendo limites com territórios do Paraguai e da Bolívia. A história de ocupação desses espaços fronteiriços, o tipo de relações que se

estabeleceram entre os povos do lugar, as trocas econômicas e comerciais, as interações sociais e afetivas, diferem significativamente em se tratando da divisa com o Paraguai ou com a Bolívia⁴.

Na fronteira Brasil-Bolívia, em território sul-mato-grossense, é considerável o fluxo de pessoas e bens que cruzam diariamente a linha de divisa. São comerciantes e outros trabalhadores bolivianos que deslocam-se para o mercado de Corumbá; turistas brasileiros que fazem compras de importados em Puerto Quijarro; são migrantes, de diferentes nacionalidades, que fazem dali a porta de entrada para o território brasileiro. No entanto, a cidade de Corumbá, e a vizinha e conurbada Ladário, encontram-se separadas de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, na Bolívia, por ostensivas barreiras físicas e simbólicas.

Além da distância espacial entre os centros urbanos - Corumbá está a aproximadamente 5 km da divisa com Puerto Quijarro - existem, na linha que limita os países, postos alfandegários e de controle, como a Receita Federal brasileira e o Controle Fronteiriço de Migração e Alfândega boliviano que, com seu aparato policial e de fiscalização, materializam a coação legal que dispõe-se a inibir o livre trânsito na fronteira.

De acordo com Pablo Vila (2003), à ideia das zonas de divisa porosas e fluidas, que o debate sobre o fim das fronteiras tem disseminado nos últimos anos, deve-se contrapor a metáfora do reforço da fronteira, pois, se muitos povos não desejam atravessá-la, outros tantos não querem vê-la atravessada pelo estrangeiro. O termo *border crosser*, empregado pela escritora e feminista chicana Glória Anzaldúa (2007) para definir o ator fronteiriço, visionário e transgressor, habilitado a cruzar divisas nacionais e políticas, da mesma forma que barreiras étnicas, de classe e de gênero, precisa ser tomado com cautela, segundo Vila (2003), diante das evidências de intolerância e conflitos nos contatos fronteiriços.

Se Anzaldúa intui, no personagem marginalizado do chicano - mestizo, pobre e

4 Dos 11 municípios do estado que limitam-se com o Paraguai, quatro possuem suas sedes em situação de conurbação com cidades do país vizinho. Essa conformação espacial e política favoreceu historicamente o contato e as trocas entre os povos dos dois países. As cidades de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY), por exemplo, separadas em fronteira seca apenas por uma longa e larga avenida, diariamente vivenciam intensa circulação de pessoas e bens para ambos os lados da divisa, sem intervenção do poder fiscalizador ou regulador do Estado. Com a economia em grande medida baseada no comércio reexportador, que impulsiona o turismo de produtos importados, o mercado das cidades gêmeas atrai tanto trabalhadores brasileiros para atuar no comércio de Pedro Juan Caballero, quanto paraguaios para trabalhar no setor hoteleiro e outros setores de serviços na cidade de Ponta Porã. O fluxo de mão de obra, a circulação de estudantes brasileiros e paraguaios, de turistas e viajantes, entre outros atores transfronteiriços, proporciona contextos permanentes de interação social e cultural nessa zona de divisa. É certo que a fronteira é marcada também por contradições e violências, decorrentes das assimetrias sociais entre os países, da existência de mercado ilícito e das mais diversas situações de discriminação, sobretudo de brasileiros em relação a paraguaios. No entanto, há um contexto de proximidade que favorece relações constantes de trocas e afinidades, o compartilhar de costumes e o reforço de laços de amizade e de parentesco entre as populações locais.

fronteiriço -, o prenúncio da resistência e da transgressão às segregações e às assimetrias sociais, seus críticos apontam para o descolamento de sua leitura em relação a uma realidade fronteiriça tanto mais conflituosa e desigual quanto mais permeável aos fluxos humanos e de capital. Da mesma forma, na divisa Brasil-Bolívia, atritos étnicos e de identidade acompanham o processo migratório de bolivianos que se deparam, ao ingressar em território corumbaense, com a resistência de uma população que não quer ter a fronteira atravessada.

No caso de Corumbá, essa advertência faz todo o sentido, ao menos no que diz respeito aos bolivianos. Os “atravessadores de fronteira” provenientes da Bolívia, agentes dispostos a superar as diferenças de nacionalidade, os atritos étnicos e de identidade a que a migração os predispõe, encontram na cidade vizinha a resistência de uma população que não quer ter a fronteira cruzada.

A presença boliviana em Corumbá é fator de desconforto e gerador de permanentes conflitos com moradores locais. Nesse caso, para quem está do outro lado, como afirma Jessica Chapin (VILA, 2003), o cruzar a fronteira representa o perigo de contaminação do *nós* pela presença do “outro”. Para além desse fato, no entanto, os corumbaenses resistem em aceitar a própria condição de fronteiriços. De acordo com Costa (2015: 40), na

situação de interdependência entre as cidades [de Corumbá e Puerto Quijarro], há uma negação histórica da condição de cidade fronteiriça por parte dos moradores de Corumbá, resumida na frase: ‘a fronteira é lá, e não aqui’. Os corumbaenses associam a fronteira à Bolívia e a identidade de fronteiriços apenas aos bolivianos.

As assimetrias econômicas e sociais contribuem para alimentar essa visão estigmatizada do país vizinho e da fronteira em si. Sendo área com carência de serviços públicos e marcada pela pobreza, a zona de divisa boliviana é concebida pelos brasileiros como portadora de todo tipo de mazelas, desde a sujeira, a desorganização, falta de higiene, até a criminalidade (Costa, 2013).

Fundada em 1778, às margens do rio Paraguai, a cidade de Corumbá serviu de posto avançado de defesa dos domínios portugueses nos limites, ainda indefinidos, com a colônia espanhola. Durante a Guerra da Tríplice Aliança, a cidade esteve sob domínio paraguaio, tornando-se, ao final dos conflitos, um dos mais importantes centros comerciais e financeiros do Alto da Bacia Platina. A cidade estruturou-se como polo de redistribuição comercial, ligando os territórios do Mato Grosso e do Paraguai com os mercados europeu e platino.

A cidade viveu seu apogeu na passagem do século XIX para o século XX, quando assistiu ao surgimento de grandes e importantes casas comerciais, especializadas na exportação de carne e couro bovino, de plantas medicinais, de peles de animais silvestres, entre outros produtos regionais para os grandes centros da bacia do Prata e para cidades litorâneas da faixa atlântica brasileira.

De outro lado, importavam todo tipo de produtos de origem europeia, desde vestuários, alimentos, até maquinários e utensílios agrícolas, para suprir a demanda da indústria incipiente e das fazendas de gado da região. Nesse período, a cidade recebeu vários grupos de migrantes, como italianos, portugueses, espanhóis, franceses, sírios, libaneses, entre outros, inclusive grande contingente de paraguaios, que deixaram o país ainda abalado pelos efeitos desastrosos da guerra. Residindo a algumas gerações em Corumbá, esses migrantes não mais se consideram estrangeiros (Costa, 2015).

Se o responsável pela vinda desses migrantes das mais diversas origens e nacionalidades foi o rio Paraguai, com a ferrovia chegaram à região, na década de 1940, os primeiros grupos de bolivianos. Muitos vieram para trabalhar nas obras da estrada de ferro; outros, porém, ocuparam-se de tarefas do comércio, serviços e construção civil (Peres, 2009). A cidade de Puerto Quijarro, fundada em 18 de junho de 1940, surge em decorrência da implantação da linha ferroviária, que visava estimular as relações comerciais do oriente boliviano, tendo a cidade de Santa Cruz de La Sierra como polo centralizador, com o mercado brasileiro, mediante a ligação com a cidade de Corumbá, distante aproximadamente 600 km, já servida por tronco ferroviário.

Em decorrência desse empreendimento, Corumbá experimentou novo ciclo de desenvolvimento econômico, na década de 1940-50, com instalação de indústrias e expansão do comércio, intensificando as relações com os vizinhos bolivianos (Ramaho Jr & Oliveira, 2010) e atraindo famílias de migrantes desse país que passaram a se instalar naquele centro urbano. De acordo com o censo demográfico de 1940, os bolivianos eram maioria entre os estrangeiros residentes em Corumbá, contando com um contingente de 882 recenseados (Peres, 2009).

Atualmente, a cidade de Corumbá conta com população estimada em 108.000 habitantes (IBGE, 2010), enquanto que Puerto Quijarro e Puerto Suárez possuem respectivamente 12.000 e 9.000 habitantes em número aproximado (Souchaud, Carmo & Fusco, 2017). De acordo com Souchaud e Baeringer (2008), foi registrada a existência de 789 domicílios com presença boliviana em Corumbá, totalizando uma população de 3.240 pessoas. Esses migrantes são provenientes das Terras Altas bolivianas, compreendendo departamentos como o de La Paz, Potosí, Cochabamba, entre outros, e das Terras Baixas,

incluindo Santa Cruz de La Sierra, na parte oriental do país. Essas distintas origens implicam não apenas em diferenças de ordem regional, mas também étnicas e sociais.

Grande parte dos migrantes bolivianos vindos das Terras Altas possui origem Quéchuá ou Aymara, enquanto que os das Terras Baixas pertencem a grupos étnicos como os Chiquitanos e os Kamba. A origem indígena dessa população imprime uma característica peculiar à identidade na fronteira Brasil-Bolívia que tende a ser:

problematizada não apenas por critérios de nacionalidade (brasileiros/bolivianos), mas também por critérios étnicos (índios/ não índios). Há uma dupla alteridade do boliviano em solo brasileiro: ao mesmo tempo em que é visto como um 'outro' nacional (estrangeiro), é representado como um 'outro' indígena, duplicando, em grande medida, o estigma social que recai sobre o grupo (Costa, 2013: 38).

A categoria *colla*, utilizada pelos bolivianos das terras baixas para referir-se aos povos do altiplano, tem seu sentido pejorativo potencializado quando empregada por corumbaenses para referir-se aos bolivianos residentes na cidade brasileira. Trata-se de termo que associa os migrantes à figura do *bugre*, o índio descaracterizado, atrasado, miserável e bárbaro. Numa das principais avenidas de Corumbá é possível ler, num muro pichado em castelhano, os seguintes dizeres: “Fuera Chollos”, “persona non grata” (Ramalho Jr & Oliveira, 2010), evidenciando a intensidade do preconceito e o grau de intolerância da/o corumbaense com os migrantes bolivianos.

O fluxo de bolivianos para a cidade de Corumbá ganhou impulso na década de 1990, quando muitos migrantes vislumbraram no comércio informal, destinado sobretudo a atender a população de baixa renda com produtos variados, como brinquedos, roupas e eletrodomésticos (Paes de Andrade, 2014), uma fonte segura de renda para o sustento da família.

Instalados em feiras livres ou lojas improvisadas em pequenas garagens, atuando como camelôs ou vendedores de artesanato, esses comerciantes, na medida em que consolidaram seu lugar no mercado informal, passaram a ser vistos como competidores de lojistas do comércio formal e, como tal, sofreram duras reações por parte dos comerciantes da cidade e do poder público (Costa, 2015). O mercado informal, ainda que em parte regularizado e controlado pela prefeitura, tornou-se, na perspectiva da elite local, uma ameaça à economia da cidade. Como consequência, foram deflagradas sucessivas operações repressivas contra os comerciantes bolivianos - Operação Bras-Bol (2011),

Interdição da Feira Brasil-Bolívia (2013), Operação “No Caminho” (2013), entre outras - em parcerias que envolvam a Polícia Federal, a Receita Federal e a Prefeitura Municipal, com apoio do exército, da mídia e da elite locais.

Criminalizados, os comerciantes informais tiveram suas mercadorias confiscadas e apreendidas, sofreram, muitas vezes com familiares, violência física, constrangimento público e abalo emocional, numa demonstração de que sua presença em território corumbaense é um problema social a ser resolvido com apoio explícito de aparatos repressivos. Os conflitos revelam a condição de exclusão social e a intensidade dos estigmas que recaem sobre a população boliviana, vista como afeita ao ilícito, à contravenção e merecedora de desconfianças. Ignora-se, nesse caso, o próprio “diferencial fronteiriço” (Costa, 2013), a condição propícia da fronteira para realização de negócios, seja pela flexibilidade do câmbio e a diferença de legislação, condição que atraiu a instalação e mantém os negócios de muitos migrantes de outras nacionalidades.

Como cruzadores de fronteiras, os migrantes bolivianos conseguem vencer os limites nacionais que separam os dois países, porém, diante das assimetrias de ordem econômica e de poder que regulam as relações cotidianas com a população corumbaense, acabam sendo confrontados com outras fronteiras, sejam sociais ou étnicas, expressas por meio de representações preconceituosas e depreciativas ou por meio da força física e repressiva.

É preciso cuidar, como lembra Vila (2003), para não essencializar a figura do “outro”, tanto quanto o “nós”. Há diferentes experiências de ser boliviano em Corumbá. Não se pretende aqui reduzir ou priorizar subjetividades, porém, o cruzar fronteiras em território corumbaense, em se tratando de bolivianos, revela significados mais controversos que interações afetuosas, hibridismos ou conquista de liberdade.

Assim, a seguir, discutiremos o que não está visível pelo uso recorrente da expressão local “aqui é tudo junto e misturado”, em especial, no que se refere à interação e produção de diferenças entre homens jovens “efeminados” de/em Corumbá e os bolivianos durante eventos organizados por esse jovens.

“Aqui é tudo junto e misturado”

A compreensão da maior parte dos moradores da cidade de Corumbá é que no município não há preconceito contra homens “efeminados”, em especial, contra os mais jovens. Este termo êmico (“efeminados”) apareceu em campo tanto no formato gramatical do gênero masculino como feminino. Ainda que ele se refira a homens gays e também a

travestis, o empregamos neste texto na forma gramatical masculina por ter sido a sua maneira mais recorrente empregada em campo pelos interlocutores. Não se trata, portanto, de não reconhecer a identidade de gênero feminina das travestis, antes, reconhecer uma característica do uso dessa categoria, inclusive, entre as próprias travestis que vivem na cidade.

Esse entendimento sobre estar “tudo junto e misturado”, característico dos discursos sobre a realidade local, também pode ser associado aos próprios “efeminados”. Quando se questiona sobre os atos de discriminação e violência contra esses jovens, a frase “aqui é tudo junto e misturado” aparece para justificar uma resposta negativa quanto à existência de violência voltada a eles na cidade.

Os “efeminados”, segundo trabalho etnográfico⁵ desenvolvido na cidade, são aqueles identificados como do “sexo”⁶ masculino ao nascerem que não são masculinos nos termos dos “discretos”, isto é, daqueles que, de forma mais apropriada para as normas e convenções locais, comportam-se como homens masculinos (leia-se heterossexuais). Este termo êmico (“discretos”) sempre apareceu em campo no formato gramatical do gênero masculino. No entanto, é preciso compreender esta categoria sob rasura, isto é, em contextos de acentuada fluidez identitária e performática no que se refere às questões de gênero e sexualidade.

Gênero e sexualidade aqui são pensadas a partir da matriz de inteligibilidade de gênero apresentada por Butler (2003), isto é: “sexo” masculino = gênero masculino = desejo pelo “sexo oposto” (ou, em se tratando de feminilidade, “sexo” feminino = gênero feminino = desejo pelo “sexo oposto”). Aquelas experiências de gênero e sexualidade não correspondentes a esse ideal regulatório podem ser vistas como dissidentes. A complexa dinâmica das experiências envolvendo estes dois demarcadores sociais da diferença constituem regimes de visibilidade que fazem com que homens “discretos” sejam inteligíveis como heterossexuais, por, supostamente, performatizar um gênero masculino coerente com a expectativa heterossexual (de desejo por alguém do “sexo” oposto), ainda que mantenha relacionamentos afetivo-sexuais com pessoas “do mesmo sexo”. Evidentemente que, no caso em questão, o não cumprimento dessa matriz em relação ao desejo por alguém do “sexo” oposto, que escapa a certos controles disciplinares dos prazeres, produz uma espécie de sexualidade disparatada (Foucault, 2007).

5 Trabalho de campo offline e online referente a pesquisa “Gênero, sexualidade e diferenças: normas e convenções sociais na fronteira Brasil-Bolívia”, coordenada por Tiago Duque, o qual teve início no primeiro semestre de 2014 e segue em andamento.

6 Utilizamos a palavra “sexo” entre aspas em um sentido crítico, na tentativa de problematizar qualquer perspectiva bio-naturalizante desta categoria, destacando, portanto, seu caráter sociocultural.

Comumente os “efeminados” estão em busca de relacionamentos afetivo-sexuais com homens tidos como “discretos”. Os usos das categorias “discretos” e “efeminados” apareceram em campo ora se referindo a um “outro”, ora a si próprio, de maneira auto-atribuída. Seja um ou outro, os usos são dinâmicos e carregam em si certa fluidez em termos de valoração, sendo mantidos em alguns contextos de desprestígio social e em outros de valorização dos sujeitos.

Em relação à referida “mistura” entre homens jovens “efeminados” e as demais pessoas da cidade, segundo os próprios interlocutores, ela se dá devido ao fato de os “efeminados” estarem envolvidos em diferentes eventos, que atraem o público local e os turistas, inclusive bolivianos. Os desfiles cívico-militares em comemoração ao aniversário da cidade, os desfiles das escolas de samba durante o carnaval e o concurso de quadrilhas durante a festa do Banho de São João, por exemplo, são parte desses eventos. Mas, também há aqueles dirigidos especificamente à temática gay, como o Miss Gay e o Musa Gay do Carnaval.

Considerando os objetivos deste artigo, discutiremos aqui as relações de vizinhança entre brasileiros e bolivianos no que se refere a estes eventos, especialmente focando em parte das experiências que envolvem os “efeminados”. Para isso, partimos de uma noção de que a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Antes, compreendemos que é “[...] uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política” (Brah, 2006: 374). Nesse sentido, atentamos para a agência dos interlocutores deste estudo via os marcadores sociais da diferença, como classe, raça/etnia, gênero, sexualidade, idade, nacionalidade, entre outros. Isso nos permite definir a agência como “as possibilidades no que se refere à capacidade de agir, mediada cultural e socialmente” (Piscitelli, 2008: 267).

Dito isso, considerando a região fronteira, agência e marcadores sociais da diferença constituem-se assim as relações de identificação e diferenciação envolvendo os “efeminados” e os bolivianos. No período preparatório do concurso de Miss Gay Corumbá, no ano de 2014, pudemos ouvir de um interlocutor tido em campo como efeminado, que não haveria interessados bolivianos em participar do concurso, afinal, em sua opinião, como na de outras pessoas da cidade, “lá não tem gay”. Ele prossegue a justificativa explicando sobre o contexto fronteiro do país vizinho: “aqui nós fazemos fronteira com os índios, não há, não tem nada lá, só índios, roupas, coisa pra comprar mesmo”⁷.

7 Sobre o imaginário da fronteira por moradores jovens de Corumbá, Costa (2013) desenvolve um estudo que aponta para dados duais em relação à fronteira (leia-se “a cidade vizinha”), isto é, ainda que suja, desorganizada, perigosa, feia, também um espaço para compras, lazer e trocas culturais.

Por outro lado, em pesquisa realizada na internet, encontramos informações sobre o mesmo concurso, realizado em 2012, que indicam outro tipo de relação com a Bolívia. Segundo matéria jornalística, no ano de 2012, foi realizado o quarto “Miss Pantanal Gay”, com participação, pela segunda vez, de representantes das cidades bolivianas de Puerto Quijarro e Puerto Suárez⁸. Segundo a mesma fonte, o organizador do desfile afirmou que isso mostra uma “integração entre os povos” que vivem nessa faixa fronteira.

Uma característica do concurso de Miss Gay e do Musa Gay é o riso da plateia. Isso marca outras atividades que são organizadas e tem participação dos “efeminados” na cidade. Nesses dois eventos, além da performance da passarela causar essa reação do público, há também a participação de convidadas que tem o objetivo de fazer o público rir. Nos eventos que pudemos participar, diferentes drag queens foram chamadas para “animar/apresentar” as candidatas a Miss ou Musa, performatizando, no corpo e no discurso, estereótipos risíveis de diferentes femininos.

De forma geral, o que diferencia as drags de outras performances de gênero são aspectos como temporalidade, corporalidade e teatralidade. Temporalidade porque a drag tem um tempo “montada”, outro “desmontada” e, ainda, aquele em que “se monta”. Diferentes das travestis e transexuais as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem (Vencato, 2003: 196). Em nosso campo, as drags são “caricatas”, isto é, fogem ao estereótipo de beleza feminina. Elas provocam o riso do público com situações nada “glamourosas”, com roupas e acessórios classificados como risíveis, pela forma como os incorporam. Quando não, brincam com a imagem do seu “glamour” que o público sabe não existir.

Uma drag queen também teve lugar de destaque na cidade durante o carnaval de 2015, como membro da “Corte de Momo”, que envolve o rei momo, a rainha e as princesas, sempre formada através de concurso. Nessa ocasião, em uma das noites de desfile, a *drag* se caracterizou de mulher boliviana, dando destaque ao vestido rodado, às longas tranças no cabelo e o típico chapéu de camponesa. A referência era à etnia *colla*, que comumente é alvo de preconceito na região devido ao estereótipo em torno dela (principalmente ligado à forma como cuida das crianças, se alimenta e se higieniza).

Essa performace *drag* é um tipo de agência que pode ser entendida como resistência ao poder que se constrói na dinâmica da interação social (Butler, 2003). O ator que interpreta a drag caricata com elementos esteriorizados de uma mulher boliviana não branca, é negro. Ainda que sob a maquiagem e a vestimenta a sua cor não fique visível,

8 Mais informações disponíveis em: <<http://www.diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=42694>> Acessado em: 09 fev. 2015.

podemos compreender o quanto, em contextos de busca por reconhecimento, como os do carnaval em contexto fronteiriço, o jogo de produção das diferenças atue em vários diferentes marcadores, fazendo com que, como o poder, o reconhecimento também circule entre distintos quadros de inteligibilidade. Isto é, o homem negro que interpreta a drag risível, por trás da construção estética da personagem que apresenta-se com a cor branca, ainda que com uma boca enorme com batom vermelho, caracterizado de *colla*, uma mulher não branca estrangeira, em um contexto fronteiriço que comumente a desprestigia, durante uma festa tipicamente nacional.

O riso do público, acompanhado de muitos aplausos, no intervalo do desfile de uma escola de samba e outra, quando a corte passava pela avenida, era sempre presente. A *drag* “caricata”, ao se apresentar com os elementos do “outro”, apontados acima, se faz risível a partir de um imaginário local que ronda a figura da *colla*, contribuindo para a depreciação da mulher boliviana, ainda que, segundo o que foi anunciando no evento, se tratasse de uma homenagem ao país vizinho.

Assim, reconhecendo a ambivalência (os múltiplos sentidos) do riso na contemporaneidade, o que, de certa forma, todos os intelectuais do século XX que se dedicaram a estudar esse tema fizeram (Mions, 2003), é possível compreender o quanto não há consenso entre os “efeminados” se o riso é uma espécie de reconhecimento (valorização) ou de preconceito (desprestígio). Esta ambiguidade está dada pelo contexto cultural em que estas experiências são produzidas, para além da realidade específica da fronteira. Assim, seja em Corumbá ou em outra cidade, para compreendermos e rirmos com uma piada, segundo Possenti (1998), é preciso conhecer os traços da cultura, assim como para entender histórias infantis, mitos locais, receitas culinárias, aspectos da legislação, regras políticas, ou o que gritam os torcedores de times de futebol nas tardes de domingo. Este autor nos oferece uma pista importante para pensarmos os efeitos ambivalentes das relações de vizinhança aqui em discussão. Ele afirma que “o que faz que uma piada seja uma piada não é o seu tema, sua conclusão sobre o tema, mas uma certa maneira de apresentar tal tema ou uma tese sobre tal tema” (*idem*: 46).

E, o mais importante para esta reflexão: se necessita de um tema proibido ou controlado por regras sociais de bom comportamento (evitar preconceito, reprimir desejos sexuais ou de eliminação do diferente, etc.). Nesse sentido, as mulheres bolivianas, assim como as outras mulheres performatizadas pelas *drags* nos diferentes eventos de intensa participação de “efeminados” enquanto organizadores, podem ser compreendidas como alvo de homenagens, ao mesmo tempo em que também são tidas como risíveis por serem desprezíveis.

A mulher vista como feia, e, por isso, “fora de contexto”, presente nas passarelas dos concursos de beleza na fronteira, ou a mulher já culturalmente discriminada por ser boliviana nas ruas da cidade, quando materializada na figura da *drag* “caricata”, é exemplo das experiências risíveis que caracterizam os processos de diferenciação envolvendo “efeminados” e bolivianos na região fronteira.

Por outro lado, na produção desses processos de diferenciação, como buscaremos deixar claro com o exemplo a seguir, a masculinidade viril é marcadamente importante nas interações afetivas-sexuais entre “discretos” brasileiros e “discretos” bolivianos. No entanto, isso não deixa de ser marcado pelas lógicas de produção de diferenciação hierarquizadas que alocam bolivianos em contexto de desvalorização quanto à origem, afinal, ao perguntar a um interlocutor boliviano o motivo pelo qual ele não conta que é boliviano quando nos primeiros contatos com homens brasileiros via aplicativos de celular ou através da sala de bate papo online, ele disse que, em relação a outros “discretos” em busca de relações afetivo-sexuais com “discretos”, quando se diz que é boliviano e mora do outro lado da fronteira, “eles somem”⁹. Das relações que ele já pode estabelecer, elas parecem acontecer porque, mesmo sendo boliviano, a sua performance de masculinidade viril, associada à pele não tão escura (o que apaga marcas de identificação com etnias indígenas) e a aparência bastante jovial (mesmo tendo trinta anos), são valorizadas na economia do desejo local.

Assim, compreendemos o reconhecimento das diferenças entre essas relações de vizinhança como algo que se dá necessariamente por um caminho comum entre histórias singulares, e esse caminho o coloca em circulação (Butler, 2007). Isso porque “o reconhecimento é uma relação intersubjetiva, e, para um indivíduo reconhecer o “outro”, ele tem que recorrer a campos existentes de inteligibilidade” (Butler, 2010: 168). Os marcadores sociais da diferença, em contextos fronteiriços, nos permitem refletir sobre agência e nacionalidade de modos muito distintos de (não)reconhecimento e hierarquização. Para além dos jovens “efeminados”, isso também ocorre, reiterando determinadas normas e convenções aqui colocadas, mas também apontando para outras formas de diferenciação. Sobre isso, discutiremos a seguir.

9 Esse tipo de discriminação ocorre ainda que existam muitos casos, especialmente entre as pessoas de classe social tida como mais baixa, de casamentos e constituição de famílias heterossexuais entre pessoas dessas duas nacionalidades (Costa, 2013a; Esselin [et al], 2012).

Afetos transfronteiriços: as (in)delicadas relações na região de Corumbá

Em uma pesquisa anterior (Passamani, 2015), realizada nas cidades de Corumbá e Ladário, entre 2012 e 2015, na qual se problematizava a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais, com pessoas entre 52 e 82 anos, pertencentes a diferentes camadas sociais, a alteridade em relação aos desejos foi uma expectativa desde o princípio. Afinal, os desejos rompem o muro invisível da fronteira?

Nos primeiros contatos com o campo, uma das estratégias foi a aproximação a partir da *internet*, em salas de bate-papo online. Durante algumas semanas, foi estabelecido um canal de diálogo com um contato que apresentava o *nickname* “Raul 42”¹⁰. Suas informações elucidavam um pouco do trânsito dos desejos não heterossexuais na cidade, bem como as principais estratégias utilizadas para a efetivação de encontros. Um dos temas surgidos foi o uso da prostituição por homens brasileiros mais velhos, de Corumbá e Ladário, com jovens bolivianos da região fronteiriça.

“Raul 42” parecia muito interessado em colaborar com a pesquisa e contava uma história bem articulada sobre relações eróticas e sexuais entre homens mais velhos de Corumbá e jovens bolivianos de *Puerto Quijarro*. Estas informações contrastavam, e muito, com o que fora ouvido nas primeiras semanas de trabalho de campo em Corumbá. No contato com as pessoas da cidade, os bolivianos, recorrentemente, apareciam nas falas como erótica e sexualmente desinteressantes.

No entanto, o contato da internet afirmava que alguns *distintos senhores de Corumbá* atravessavam a fronteira para fazer o uso tarifado¹¹, anônimo e mais barato do corpo de jovens bolivianos. E, assim, satisfazer desejos que ainda eram vistos como problemáticos na cidade vizinha. No enredo de “Raul 42”, a fronteira corrobora a ideia de lugar anônimo, indescritível, em que o segredo é possível e o invisível tem caráter sedutor. Suas falas admitiam o desejo marginal buscando um refúgio além da fronteira.

A história era deveras interessante. “Raul 42”, contudo, não deu maiores detalhes e, simplesmente, desapareceu ao final de algumas semanas de conversa. As informações dadas pelo contato online eram, ao mesmo tempo, instigantes e intrigantes. A possibilidade de tudo que fora dito ser mentira era muito grande. Mas também tudo poderia ser verdade e representar um achado a uma pesquisa recém iniciada. Além disso, há pesquisas de fôlego que mostram este trânsito dos desejos em regiões fronteiriças, como é o caso dos

10 Ele passou a ser contato privado no skype e algumas conversas foram realizadas. Intrigava o fato de “Raul 42” não ligar a webcam e realizar conversas por vídeo. Ele relatava problemas com a ferramenta.

11 Expressão utilizada por Fernando Pocahy (2011) para se referir às negociações envolvendo garotos de programa e homens mais velho em uma sauna de Porto Alegre-RS.

trabalhos de Olivar (2014, 2015) na tríplice fronteira norte do Brasil, e de Piscitelli (2008, 2013) no nordeste do país.

Entretanto, como dito acima, os primeiros contatos offline estabelecidos em Corumbá, com pessoas ligadas a ONGs LGBT, bem como uma futura rede de interlocutores maiores de 60 anos, dava conta de afirmar, quase que categoricamente, a inexistência destes fluxos desejantes transfronteiriços. As pessoas desconheciam a ocorrência de qualquer trânsito erótico, afetivo e sexual com os bolivianos de *Puerto Quijarro*. Aliás, as referências aos homens bolivianos, antes de fazer qualquer alusão a aspectos sedutores e aproximativos, destacavam elementos pejorativos e de rechaço, como “feiura e sujeira. Lá só tem gente feia. Eles são sujos. Ui, bolivianos fedidos”. Estas foram algumas das muitas expressões ouvidas nas primeiras semanas de campo.

Segundo o que pudemos apurar em campo, de fato, o lado boliviano da fronteira, a parte mais imediata, não abriga qualquer tipo de fluxo no que diz respeito à prostituição masculina de jovens bolivianos com homens brasileiros. O negócio (Perlongher, 1987) que ali opera é de outra ordem que não a dos desejos dissidentes (Foucault, 2007). Durante o dia, o comércio de produtos variados. Durante a noite, pelas ruas pouco iluminadas, tudo parado. Quando há algum movimento comercial, ele estava associado à venda de drogas ilícitas.

No que tange a interesses eróticos, afetivos e sexuais parece que o movimento operado pela fronteira diz respeito a elementos mais físicos e menos simbólicos. Ainda assim, a fronteira geográfica, que pode ser lida como um traço limitante, é importante para pensar as tramas desejantes dos interlocutores não heterossexuais mais velhos de Corumbá e Ladário. O “outro” da relação, no entanto, não está além da fronteira, na Bolívia, mas ele chega, pelo rio Paraguai, para guarnecer a fronteira. A alteridade não é representada pelos bolivianos, mas pelos marinheiros vindos do Rio de Janeiro. Entre as tantas histórias ouvidas, aquelas que recordam os afetos com os marinheiros são as mais recorrentes.

Os marinheiros eram os parceiros mais valorizados nas estreitas redes de relações estabelecidas pelas “bichas” locais. Tais sujeitos, eram “diferentes” dos homens da região. Eles eram, sobretudo, diferentes dos “indesejados” bolivianos. Os marinheiros eram vistos como “estrangeiros” no Pantanal, algo que agregava valor em um suposto e fluído mercado sexual (Piscitelli, 2013; Olivar, 2014) e no erotismo local. Conquistar um “marinheiro” era razão de prestígio diante dos demais.

Os marinheiros corporificaram um tipo particular de masculinidade viril e hegemônica (Kimmel, 1998) que era sintomática do sudeste do país. Eles eram mais altos,

mais fortes e mais brancos. Os códigos linguísticos eram outros e o sotaque marcava uma fronteira entre uns e outros, que colocava os forasteiros em flagrante vantagem. Algo um pouco assemelhado ao que Perlongher (1987) chama de *fugas desejanter* e *tensores libidinais* quando se refere ao negócio estabelecido entre michês e clientes no centro da cidade de São Paulo no começo dos anos de 1980.

Rubens (66 anos), um interlocutor de pesquisa, administrador de empresas, pertencente às camadas altas e branco, conta que os marinheiros eram, de fato, os amantes mais desejados, pois os homens da região, na época, guardavam uma semelhança fenotípica grande com os bolivianos do outro lado da fronteira e isso resultava desinteressante para as *bichas* locais. Rubens relata que durante “muito tempo” sustentou “um rapaz da Marinha”.

Eles [os marinheiros] tinham bem menos frescura e ficavam direto com as bichas. O fato é que os marinheiros vinham pra cá e ficavam sem qualquer referência. Não tinham família, não tinham nada. Além disso, as boas famílias não queriam a filha casada com marinheiro, porque em seguida ele ia embora, além de ganhar pouco. Antigamente era assim. Hoje é prestígio ser de Marinha. Antes era fim de carreira. Aí, eles ficavam sozinhos. Nesta hora, os homossexuais caiam em cima e sempre dava certo. Fisgavam os marinheiros.

Na fala do interlocutor, o marinheiro é uma figura de prestígio para as “bichas”, mas isso não ocorria diante das ditas boas famílias da cidade. Para estas, os homens da Marinha eram percebidos, inclusive, com desprezo. Uma explicação possível, como conta Rubens, está no fato de os marinheiros terem um vida modesta e transitória na cidade, o que não parecia atrativo para o mercado afetivo e matrimonial local. Outros interlocutores, como afirma Mauro (67 anos), branco, pertencente às camadas médio-altas e comerciante, ratificam a assertiva de que os “marinheiros gostavam e gostam muito dessa safadeza toda”.

A relação entre “bichas” locais e marinheiros é permeada pela ideia de fronteira. Por um lado, uma fronteira geográfica materializada no rio Paraguai que divide o território brasileiro do boliviano. Por outro lado, por uma fronteira simbólica que separa as partes envolvidas no processo de conquista afetiva, erótica e sexual. A fronteira geográfica poderia, por exemplo, aproximar amantes brasileiros e bolivianos. Parece que este não é o caso nesta investigação. Há, como salientou Costa (2013), uma espécie de muro invisível entre os dois territórios.

No entanto, esta fronteira nacional, em sua parte navegável (o rio Paraguai), é o canal que torna possível o encontro com os amantes mais desejados, os marinheiros. Logo, a fronteira torna-se elemento decisivo na configuração de um mercado afetivo, erótico e sexual na região. Não com os bolivianos, mas com os marinheiros, que estão no Pantanal em função da fronteira. Se por um lado a fronteira separa afetiva, erótica e sexualmente (brasileiros de bolivianos), por outro lado ela aproxima (corumbaenses e ladarenses dos marinheiros).

Falamos portanto, no campo dos afetos das “bichas mais velhas” locais sobre um território de fronteira específico. Além disso, a própria ideia de interior se apresenta como complexa para permitir que a partir dela se promova algum tipo de generalização. Sabemos, de outro modo, que Corumbá e Ladário são cidades encravadas em pontos estratégicos do território brasileiro. Há ali um contingente grande da Marinha e do Exército.

Tais cidades são cidades de desterritorializações e perfazem um fluxo constante de homens, de corpos masculinos desterritorializados. Esses homens, das Forças Armadas, das empresas de mineração, do ecoturismo, os pescadores, os “homens de fazenda”, todos eles, ajudam, por meio de suas presenças na região, a moldar um imaginário específico de aproximação de suas *personas* no sentido de conformar o desejo das “bichas” locais “mais velhas”. A alteridade desejante se aplica a estes corpos, a estes sujeitos, muitos dos quais, forasteiros naquele território de fronteira. Assim, as atenções são dirigidas para os que chegam e o *prazer nefando* (Trevisan, 2000) se coloca de costas para os bolivianos que, de inúmeras formas, parecem compor o cotidiano de Corumbá e Ladário.

O território de fronteira do Pantanal, então, não tem como vocalizar uma ideia mais geral de interior do Brasil, ainda que casos assemelhados possam ser percebidos, por exemplo, na tríplice fronteira do Brasil, Peru e Colômbia, na cidade de Tabatinga no Amazonas, conforme Olivar (2014). A região de Corumbá e Ladário é um território de cruzamentos, de migrantes, de turismo e de trabalho.

Essa diferença constitui, nas relações das “bichas” locais “mais velhas”, uma forma específica de organização das sociabilidades, da produção de identidades e uma gestão particular de afetos e desejos, pois se os bolivianos são presença constante, familiar, e há o estabelecimento de uma razoável estética de vizinhança, ainda que muitas vezes indesejada, os homens que chegam em função do rio, do território de fronteira e do que se pode dele extrair, estão ali, em grande medida, de passagem. Esta ideia de estar no lugar de passagem confere algum grau de anonimato às relações e não desestabiliza a produção de sentido e significados que as pessoas estabeleceram para as suas vidas. Até mesmo, porque muitas destas tramas desejantes se desenvolvem no subterrâneo de uma

heterossexualidade pública, social e compulsória.

Considerações finais

Há muitas variáveis ao pensar o território de fronteira entre Brasil e Bolívia na região de Corumbá. Primeiramente, é importante frisar as particularidades das relações transfronteiriças ali observadas. De outro lado, as evidências apontadas em torno da diversidade e ambiguidade das interações entre as populações vizinhas, as distintas formas de interação, pautadas na violência, proximidade e resistência, servem de advertência para confrontar o alcance e a pertinência de modelos generalizantes no campo dos estudos fronteiriços.

Fronteira consiste, de modo geral, na condição de embate complexo e permanente entre o “nós” e os “outros”, no movimento dialético que aproxima e repele alteridades. É mediante a etnografia que os antropólogos têm conseguido revelar a multiplicidade e as peculiaridades desse diálogo em âmbito local, apontando para as mais variadas configurações materiais e de significados que orientam os comportamentos perante a alteridade em áreas de divisa nacional. Foi, da mesma forma, com base no esforço etnográfico que este estudo buscou revelar as peculiaridades da dimensão regional da fronteira Brasil - Bolívia, apontando para a ambiguidade que permeia as relações interpessoais; para o poder das barreiras físicas e sociais, visíveis e invisíveis, que se interpõem no contato entre brasileiros e bolivianos nas cidades de Corumbá e Puerto Quijarro; e para as assimetrias existentes mesmo no interior de extratos subalternos nos quais as hierarquias não se revelam senão em termos de pertencimentos nacionais ou étnicos. São múltiplos “outros” que se manifestam no cenário liminar dessa divisa nacional. Não apenas o sujeito estrangeiro, em sua personificação negativa e negada, mas o “outro” forasteiro, cuja presença se potencializa em decorrência mesmo dessa negação, abrindo espaço para outras interações no mercado pouco conhecido, nas áreas de divisa, dos afetos e desejos de sujeitos não heterossexuais.

O estar “tudo junto e misturado”, para parte dos nossos interlocutores, é uma característica valorativa da cidade brasileira. Antes de ser um sinal da ausência de preconceitos contra “efeminados” e/ou bolivianos, é um modo de nos fazer entender como os processos de diferenciação (logo, de produção de reconhecimento) em relação ao país vizinho pode ser repleto de ambiguidades. Para parte da lógica local, o riso, por exemplo, do público dos eventos que envolvem concurso de beleza em que os jovens “efeminados” se apresentam e/ou organizam, seria uma prova do quanto gêneros dissidentes e

sexualidades disparatadas são aceitas. Ao mesmo tempo, em tom de homenagem, durante o carnaval (festa tipicamente reconhecida como brasileira na região) uma *drag* se torna risível quando adere a símbolos culturais de um *outro* desvalorizado – a mulher *colla*, colocando em movimento diferentes marcadores de diferenciação, inclusive, que envolvem a própria representação performativa do ser homem negro por trás da caracterização de uma “caricata” branca. Em meio a essa aparente aproximação não preconceituosa, a percepção de alguns de que no outro lado da fronteira “não tem gay, só índios”, demarca as relações fronteiriças onde um lado, o brasileiro, é tido como mais valorizado. Isso faz com que se tenham processos de interação em que, quando dos interesses afetivos sexuais, no primeiro contato via redes sociais, não se convêm informar que se é boliviano. São diferentes regimes de (in)visibilidade de jovens “efeminados” e, por vezes, “discretos” em Corumbá que são demarcados por questões de gênero, sexualidade e diferenças fronteiriças.

No que diz respeito às pessoas mais velhas com condutas homossexuais, as chamadas “bichas locais”, o próprio Pantanal – em Corumbá e Ladário – pode, a partir de algumas idiossincrasias apontadas acima, estabelecer nas relações transfronteiriças, condições, situações e realidades que permitam articular essas possíveis e prováveis diferenças que constituem de maneira distinta esses lugares de pertença. A partir da análise dos afetos e desejos das “bichas locais” mais velhas e dos marinheiros, é importante perceber que a fronteira nota-se menos por aqueles que ela separa e mais por aqueles que ela aproxima. Ao boliviano, que está, imediatamente, depois e é personagem rotineiro pelas ruas da cidade há a construção de um complexo processo de evitação afetivo, erótico e sexual; ao marinheiro, no entanto, que está, iminentemente, a chegar e que logo partirá outra vez, faz-se um sem número de estratégias de aproximação nesses campos.

Por fim, entendemos relevante frisar que a região estudada não faz parte de conglomerados caracterizados como grandes centros urbanos e isto, inclusive, pode ser apontado como uma das idiossincrasias do lugar, colaborando para aprofundar o olhar sobre outras lógicas que permitam pensar os territórios de fronteira para além da lógica centro-periferia, ou capital-interior. A região fronteiriça de Corumbá nos mostra a complexidade das cidades de pequeno e médio porte distantes dos grandes centros e de seu lugar não apenas na economia regional, seja mediante o comércio lícito ou ilícito, mas também do mercado simbólico, das peculiaridades que engendram as representações de nacionalidade, as relações étnicas, de dissidências no campo de gênero e sexualidade, entre outras.

Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. 2010. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume.
- ANZALDÚA, Gloria. 2007. *Bordelands/ La Frontera: The New Mestiza*. 3. ed. San Francisco: Aunt Lute Books.
- BRAH, Avtar. 2006. "Diferença, diversidade, diferenciação". In: *Cadernos Pagu*, n. 26, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, pp. 329-376. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.
- BUTLER, Judith. (1993 [2001]). "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 152-172.
- BUTLER, Judith. 2007. "Condição humana contra "natureza". Diálogo com Adriana Cavarero". In: *Revista Estudos Feministas*. vol.15, n.3, pp. 650-662. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/381/38115309.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2017.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BUTLER, Judith. 2010. "Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. Entrevista concedida a Patrícia Porchat Pereira da Silva Kunudsen". In: *Revista Estudos Feministas*. vol. 18, n.1, pp. 161-170. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a09.pdf>. Acessado em: 10 jun. 2017.
- CANCLINI, Néstor G. 1997. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP.
- COSTA, Edgar Aparecido da. 2013. "Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil". In: *Revista Transporte y Territorio*/9, pp. 65-86. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/rtt/article/view/304/282>. Acesso em: 03 mai. 2017.
- COSTA, Gustavo Vilela L. da. 2013. "O muro invisível: A nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia". In: *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 25, n. 2, pp. 141-156. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v25n2/a08v25n2.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2017.
- COSTA, Gustavo Villela Lima da. 2015. "Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira". *MANA* 21(1): 35-63.
- ESSELIN, Paulo Marcos; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. 2012. *Fronteiras esquecidas: a construção da hegemonia nas fronteiras entre os Rios Paraguai e Paraná*. Dourados: Editora da UFGD.
- FOUCAULT, M.. 2007. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- KIMMEL, Michael S. 1998. "A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas". In: *Horizontes Antropológicos/UFRGS*. IFCH. Programa de Pós-Graduação em

Antropologia Social. Porto Alegre: PPGAS.

MINOIS, Georges. 2003. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora da UNESP.

OLIVAR, José Miguel Nieto. 2014. "Adolescentes e jovens nos mercados do sexo na tríplice fronteira Brasil, Peru, Colômbia: três experiências, um tour de força e algumas reflexões". *Artemis*, vol. 18 (1), pp. 87-102.

OLIVAR, José Miguel Nieto. 2015. "Performatividades governamentais de fronteira: a produção do Estado e da fronteira através das políticas de tráfico de pessoas na Amazônia brasileira". *Revista Ambivalências*, v. 3, n. 5 jan-jun, pp. 149-182.

PAES DE ANDRADE, Pedro Rabello. 2014. *Bolivianos do Altiplano em Corumbá: trajetória migratórias e experiências*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Grande Dourados.

PASSAMANI, Guilherme. R.. 2015. *Batalha de Confete no "Mar de Xarayés": condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Unicamp.

PERES, Roberta Guimarães. 2009. *Mulheres na fronteira: a migração de bolivianas para Corumbá - MS*. Campinas, SP : IFCH.

PERLONGHER, Nestor. 1987. *O negócio do michê. A prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense.

PISCITELLI, Adriana. 2008. "Internseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras". In: *Sociedade e Cultura*. Goiânia, vol.11, n. 2, pp. 263-274.

PISCITELLI, Adriana. 2008. "Entre as máfias e a ajuda, a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas". *Cadernos Pagu*, Unicamp, pp. 29-63

PISCITELLI, Adriana. 2013. *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: CLAM/EdUERj.

POCAHY, Fernando. 2011. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese (Doutorado em Educação). PPGE, UFRGS. Porto Alegre.

POSSENTI, Sírio. 1998. *Os humores da língua: análise linguística de piadas*. Campinas, SP: Mercado das Letras.

RAMALHO JÚNIOR, André Luis & OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. 2010. "Solidariedade: um estudo da fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá". In: *II Seminário de Estudos Fronteiriços*. Corumbá-MS.

RAMALHO JUNIOR, A. L. ; OLIVEIRA, M. A. M. 2010. "Sobre instituições fronteiriças". In: *III Seminário de estudos Fronteiriços – Fronteiras em Foco*. Campo Grande: Editora UFMS, v. 1. pp. 652-659.

SOUCHAUD, Sylvain; CARMO, Roberto Luiz do e FUSCO, Wilson. 2007. "Mobilidade Populacional e Migração no Mercosul: A fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai". *Teoria & Pesquisa*, vol. XVI - nº 01 - jan/jun.

SOUCHAUD, Sylvain e BAENINGER, Rosana. 2008. "Collas e cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato

Grosso do Sul". *R. bras. Est. Pop.*, São Paulo, v. 25, n. 2, pp. 271-286, jul./dez.

TREVISAN, João Silvério. 2000. *Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record.

VENCATO, Anna P. 2003. "Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros". In: *Homossexualidade, sociedade, movimento e lutas*. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v. 10, n. 18, pp. 151-179. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2513/1923>. Acesso em: 29 de out. 2017.

VILA, Pablo (Ed.). 2003. *Ethnography at the border*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Recebido em 26 de novembro de 2017.

Aceito em 14 de maio de 2018.